e atualidade, São Paulo: Scipione, 1989.

SEBER, Maria da Glória. Psicologia do Pré-escolar: uma visão construtivista. São Paulo: Moderna, 1995.

WINNICOTT, D. W. O Brincar & a Realidade. Tradução: Jayme Salomão, Rio de Janeiro: Imago, 1975.

CRIATIVIDADE NA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E JOGOS O LÚDICO COMO FORMA DE APRENDIZADO

ROSIMEIRE JULIANA MACEDO

RESUMO

Este artigo tem como proposta demostrar a importância da Contação de Histórias na Educação Infantil, para o desenvolvimento cognitivo, letramento e formação de comportamento leitor de nossas crianças. O objetivo deste artigo é ampliar o espaço da contação de história nas escolas e na rotina estabelecida pelos professores, versando sobre a didática e correlacionando a teoria com a prática, auxiliando assim o professor no processo de ensino e aprendizagem com seus alunos. Para isso buscamos neste artigo o conhecimento, através de teóricos e do Referencial de Educação Infantil, propostas didáticas para que o professor utilize, para ter a teoria e prática andando juntos. Propomos com isso uma análise teórica e prática para que a escola possa ampliar seu repertório e poder utilizar ferramentas eficazes. Isso se justifica pelo fato das crianças terem um melhor aprendizado e formação leitora quando o professor utiliza de forma consciente o recurso de contação de histórias.

Palavras Chave: Criatividade; Ludicidade e Jogos.

ABSTRACT

This article aims to demonstrate the importance of Storytelling in Early Childhood Education, for the cognitive development, literacy and formation of reading behavior of our children. The aim of this article is to expand the space of storytelling in schools and the routine established by teachers, dealing with didactics and correlating theory with practice, thus assisting the teacher in the teaching and learning process with his students. For this we seek in this article the knowledge, through theoreticians and the Referential of Early Education, didactic proposals for the teacher to use, to have theory and practice walking together. We therefore propose a theoretical and practical analysis so that the school can expand its repertoire and use effective tools. This is justified by the fact that children have a better learning and reading background when the teacher consciously uses the storytelling feature.

Keywords: Creativity; Playfulness and games.

INTRODUÇÃO

O ato de contar histórias nas escolas foi visto por muito tempo como uma forma de entreter, distrair e relaxar as crianças, sem levar em conta a didática e de como isso poderia ajudar na aprendizagem, alguns professores e escolas continuam com esta visão. Mas tem ressurgido a figura do Contador de Histórias, ou o Professor/Contador de Histórias, e dado a sua importância no âmbito educacional e emocional das crianças, principalmente na Educação Infantil, trazendo perspectivas e evoluções na condução oral, e no letramento. Essa tradição quando planejada consicente proporciona a formação do leitor e traz benefícios para a alfabetização. Ao contar e recontar uma história, além do resgate de uma tradição, faz com que as crianças sejam letradas mesmo antes de poderem saber decifrar os códigos da escrita, através dos fonemas e da oralidade, vão de forma natural sendo conduzidos ludicamente pela leitura, não só brincando de faz de conta e ampliando seu cognitivo, mas os conduzindo pela aprendizagem individual, formando um comportamento leitor e facilitando a alfabetização.

Os professores podem revalorizar a contação de histórias, mostrando que isso é muito importante no desenvolvimento da criança, incluindo em seus planejamentos e rotinas, e pensando de forma didática as mediações nestas leituras. Os objetivos com isso são muitos, pois ler histórias para criança é uma atividade lúdica, da qual entre os objetivos poderá levar o faz de conta até as crianças, fazê-las demonstrar emoções em seu faz de conta, além de valorizar sua vivência. A problematização das his-

tórias poderá conduzir as crianças para uma grande leque de opções e dar a elas a oportunidade de solucionar problemas que mais tarde elas encontrarão em suas vidas.

O objetivo deste artigo é ampliar o espaço da contação de história nas escolas e na rotina estabelecida pelos professores, versando sobre a didática e correlacionando a teoria com a prática, auxiliando assim o professor no processo de ensino e aprendizagem com seus alunos. Para isso buscamos neste artigo o conhecimento, através de teóricos e do Referencial de Educação Infantil, propostas didáticas para que o professor utilize, para ter a teoria e prática andando juntos. Propomos com isso uma análise teórica e prática para que a escola possa ampliar seu repertório e poder utilizar ferramentas eficazes. Isso se justifica pelo fato das crianças terem um melhor aprendizado e formação leitora quando o professor utiliza de forma consciente o recurso de contação de histórias. E quando pensamos na Educação Infantil isto é ainda mais destacado por causa da oralidade natural desta faixa etária, sendo que o professor ao utilizar este recurso pode mediar de forma abrangente as brincadeiras de faz de conta e conduzir o aprendizado de forma lúdica.

A TRADIÇÃO ORAL

A criança e o adulto, o rico e o pobre, o sábio e o ignorante, todos, interessantes, tenham vida e possam cativar a atenção". A historia narrada, lida, filmada ou dramatizada, circula em todos os meridianos, vive em todos os climas, não existe povo algum que não se orgulhe de suas histórias, de suas lendas e seus contos característicos (TAHAN, 1966, p.16).

A tradição oral faz parte da humanidade e de sua comunicação. Não há povo sem oralidade. Para a educação essa tradição vem acompanhada do processo de alfabetização, já que antes de escrever mamadeira, a criança aprender a falar e compreende que a palavra e o objeto são a mesma coisa, e que ao dizer a palavra obtem-se o que quer.
A linguagem oral é um instrumento fundamental para que as crianças possam ampliar suas possibilidades de inserção e participação no mundo em que vivem, sem ela a estariam apartados do social. De acordo com o Referencial Curricular Nacional Para a Educação Infantil, "em algumas práticas, se considera o aprendizado da linguagem oral, como um processo natural, que ocorre em função da maturação biológica prescinde-se nesse caso de ações educativas planejadas com a intenção de favorecer essa aprendizagem." (BRASIL, 1998, p.119) A escola e o professor deve favorecer e mediar estas oralidades e assim fazer a ponte entre o mundo das crianças e o universo da aprendizagem.

Através do lúdico e das mediações com os professores, os bebês "incorporam as vocalizações rítmicas, revelando o papel comunicativo, expressivo e social que a fala desempenha desde cedo" (BRASIL, 1998, p. 125). A comunicação também acontece através de gestos, sinais e linguagem corporal, apoiando a linguagem oral do bebê.

Toda comunicação se faz na interação com o outro. Não existe comunicação sem pensar na interação. Isso acontece porque o sentido das palavras só se dá a partir da interação da pessoa com seu interlecutor (BAKHTIN, apud AUGUSTO, 2011). Pensando nisso podemos dizer que a criança comunica-se na escola e desenvolve esta comunicação devido as mediações com o professor e seus colegas, quanto maior esta qualidade de comunicação, maior é o desenvolvimento. Com isso a tradição oral de contação de histórias contribui para que esta comunicações seja de qualidade, possibilitando um maior desenvolvimento.

Na antiguidade a contação oral de histórias era vista sob um olhar inferior à escrita, apesar disso os povos se reuniam ao redor da fogueira e contavam suas lendas e contos, disseminando a sua cultura e os seus costumes; reunir-se para ouvir histórias era uma atividade dos simplórios, isto explica por que durante tanto tempo esta prática foi rejeitada pela sociedade. Essas lendas e contos eram histórias do imaginário popular pertencentes à memória coletiva, destinadas, a ouvintes, adultos e crianças, que não sabiam ler. Segundo Malba Tahan (1966, p.24) "até os nossos dias, todos os povos civilizados ou não, tem usado a história como veículo de verdades eternas, como meio de conservação de suas tradições, ou da difusão de idéias novas.". O homem descobriu que a história além de entreter, causava a admiração e conquistava a aprovação dos ouvintes. O contador de histórias tornou-se o centro da atenção popular pelo prazer que suas narrativas proporcionavam (SOUZA; BERNADINO, 2011, p.236)

Conforme o texto, podemos entender um pouco da

Contação de Histórias não ter sido levada a sério por muito tempo na Educação. Pois era vista como uma tradição menor e que era reservada às pessoas que não sabiam ler ou de âmbito social inferior. Tal pensamento pode ser refutado rapidamente ao acompanhar o grande desenvolvimento das crianças com a tradição oral, e de como isso ocorre de forma tranquila, além de trazer a elas o frazer da leitura.

Ao pensar na tradição oral, e de como isso está presente na vida da criança, tornamos a criança como protagonista de sua aprendizagem, de forma que ela mesma conduza sua evolução de forma significativa, porque se pressupõe e respeita o que ela traz de seu convívio. Com o faz de conta e a problematização que cada criança vai fazendo conforme a sua vivência, o professor pode mediar e ir desenvolvendo a aprendizagem de forma significativa, e conforme os problemas/soluções que cada criança vai propondo.

O PROFESSOR E A PRÁTICA DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIA

O professor, muitas vezes, não faz um trabalho diferenciado com a leitura, porque a contação de histórias se distancia dos métodos tradicionais de planejamento e avaliação, e dos métodos que ele enraizou como prática positiva no processo de ensino aprendizagem. Não se pode medir notas ou conceitos quando contamos ou ouvimos um conto e ele tem dificuldades em trabalhar com aquilo que não pode ser avaliado, ou demonstrado aos pais como processo avaliativo nos portifólios da Educação Infantil. É um conceito que tem de ser mudado na formação e prática dos professores, porque não é porque uma didática não pode ser avaliada que ela não traga desenvolvimento do aprendizado.
Na Educação Infantil a Contação de Histórias até é colocada nas rotinas diárias, porém muitas vezes apenas como prática de entretenimento das crianças, sem que o professor pense em como isso pode contribuir no aprendizado, ou que planeje mediações para aproximar a Contação de Histórias do letramento ou mesmo da zona proximal de Vygostky, não pensando na teoria versus a prática. Com isso a tendência é que a criança caminhe para o fracasso escolar na alfabetização. Isso se deve porque a formação de leitores não foi bem feita na Educação Infantil com a oralidade da Contação de Histórias e o letramento. A oralidade é um estímulo adequado na Educação Infantil e proporciona à criança através da contação de histórias o prazer com a leitura, tornando em uma experiência positiva, e não uma tarefa rotineira escolar que transforma a leitura e a literatura em simples instrumentos para posterior alfabetização, afastando as crianças do prazer de ler. “Porque para formar grandes leitores, leitores críticos, não basta ensinar a ler. É preciso ensinar a gostar de ler. [...] com prazer, isto é possível, e mais fácil do que parece” (VILLARDI, 1997, p. 2). O que se confirma com o autor que nos lembra que o gosto pela leitura é o principal objetivo e isso deve ser iniciado desde a tenra idade, o que equivale à Educação Infantil. O professor não pode ignorar este processo e deve propo-lo de forma clara em seus planos de aula e rotinas.

A contação de historias é uma estratégica pedagógica que pode favorecer de maneira significativa a prática docente na educação infantil e ensino fundamental. A escuta de histórias estimula a imaginação, educa, instrui, desenvolve habilidades cognitivas, dinamiza o processo de leitura e escrita, alem de ser uma atividade interativa que potencializa a linguagem infantil. A ludicidade com jogos, danças, brincadeiras e contação de histórias no processo de ensino e aprendizagem desenvolvem a responsabilidade e a autoexpressão, assim a criança sente-se estimulada e, sem perceber desenvolve e constrói seu conhecimento sobre o mundo. Em meio ao prazer, à maravilha e ao divertimento que as narrativas criam, vários tipos de aprendizagem acontecem (SOUZA; BERNADINO, 2011, p.237)

O autor nos evidencia a prática de Contação de História como ferramenta para o desenvolvimento de diversos tipos de aprendizagem. O professor precisa ter isso em mente e buscar o seu aprimoramento, além de incluir esta ferramenta como prática. Se não é bastante os teóricos para o professor, então citamos o Referencial Curricular Nacional de Educação Infantil, da qual o professor precisa se basear. Como por exemplo, lembrando que a criança “que ainda não sabe ler convencionalmente pode fazê-lo por meio da escuta da leitura do professor, ainda que não possa decifrar todas e cada uma das palavras. Ouvir um texto já é uma forma de leitura (RCNEI, VOL. 3, p.141)”. Aproximando assim a oralidade do letramento e posterior alfabetização, sem perder o prazer com a brincadeira estabelecida. Isto é confirmado mais uma vez no Referencial: “Quem convive com crianças sabe o quanto elas

gostam de escutar a mesma história várias vezes, pelo prazer de reconhecê-la, de apreendê-la em seus detalhes, de cobrar a mesma seqüência e de antecipar as emoções que teve da primeira vez. Isso evidencia que a criança que escuta muitas histórias pode construir um saber sobre a linguagem escrita (RCNEI, VOL. 3, p.143)". Através desta teoria que o professor deve construir sua prática, e deve desenvolver seu planejamento pensando nisso.

IMPORTANTE FERRAMENTA COMO FORMA LÚDICA DE APRENDIZADO: CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Vigotski (1984, p.103) pondera que "ao longo da evolução do pensamento e da fala tem início uma conexão entre ambos, que depois se modifica e se desenvolve", partindo dessa perspectiva podemos observar que na complexidade do desenvolvimento da linguagem oral cabe ao professor proporcionar ao aluno um ambiente propício a fim de estimula-lo para que ele possa se expressar em suas diversas modalidades. (SANTOS; FARAGO, 2015, p. 119)

Pensando nisso, a Contação de Histórias é importante ferramenta para o desenvolvimento oral, no desenvolvimento da comunicação e posterior alfabetização. "Levar o faz de conta até as crianças é sustentar o imaginário, é ter a

curiosidade respondida em relação a muitas perguntas, é encontrar ideias para solucionar questões, é uma possibilidade de descobrir o mundo intenso de conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivemos (...)"(BELATTO, 2016, p.29). É criar possibilidades de novas aprendizagens que vão além do que a prática tradicional proporciona.

Segundo Villardi (1997) a leitura suscita o prazer, capaz de ingressar o leitor em outro mundo; o livro torna-se para a criança uma brincadeira, com o qual brinca, tentando descobrir suas regras, encantando-se com o que espera ao virar de cada página. A autora (ibid, p. 83) retifica ainda que é fundamental que o livro venha sempre associado a momentos de prazer, do lúdico. Na Educação Infantil pode conter desde fantansias com os maiores e o recontar próprio de cada criança até mesmo o manusear com os bêbes de livros que contenham texturas, movimentos e sons diferenciados.

Recontar histórias é outra atividade que pode ser desenvolvida pelas crianças. Elas podem contar histórias conhecidas com a ajuda do professor, reconstruindo o texto original à sua maneira. Para isso podem apoiar-se nas ilustrações e na versão lida. Nessas condições, cabe ao professor promover situações para que as crianças compreendam as relações entre o que se fala o texto escrito e a imagem. O professor lê a história, as crianças escutam, observam as gravuras e, freqüentemente, depois de algumas leituras, já conseguem recontar a história, utilizando algumas expressões e palavras ouvidas na voz do professor. Nesse sentido, é importante ler as histórias tal qual está escrita, imprimindo ritmo à narrativa e dando à criança a idéia de que ler significa atribuir significado ao texto e compreendê-lo (RCNEI, VOL. 3, p.144).

Conforme o texto do Referencial é retificado o que foi dito no parágrafo anterior, possibilitando a prática de recontagem de histórias e desenvolvendo a criatividade das crianças, também desenvolvendo posteriormente a escrita, e a redação de forma lúdica. Também reforça um exemplo de prática na Contagem de Histórias que pode ser utilizado na prática diária do professor. Conforme o Referencial da Educação Infantil pode a partir disso resgatar o repertório do que as crianças ouvem em casa e nos ambientes que frequentam, e trabalhar as diversas culturas que fazem parte do cotidiano das crianças, as questões éticas, e contribuir para a construção da subjetividade e da sensibilidade das crianças (RCNEI, VOL.3, p.143). Podemos complementar com Antunes (2004. p. 25) ao afirmar que "é imprescindível que as crianças tenham contato com o livro, e não apenas com textos copiados. O objeto livro é em si mesmo atrativo, fascinante e provoca um prazer especial, exercendo um efeito especial sobre a curiosidade das crianças". O livro é mais atrativo e pode ser considerado um brinquedo, o que não se pode dizer o mesmo de folhas xerocadas com atividades de leitura ou qualquer outra prática tradicional de atividade.

Pensando nesta prática de Contação de Histórias, segundo Jorge (2003, p. 100), podemos pensar na roda de histórias como uma proposta e uma prática que avança em relação à "hora do conto", assim evoluindo na proposta de Recontagem pelas crianças. Reconhecendo "a importância da fala de cada um; na medida em que cada participante é narrador, leitor e ouvinte, institui-se a dinâmica necessária para que todos possam se expressar e exercitar o

compartilhamento" (ibidem, p.101).

A presença de um horário de rodas de leitura com esta possibilidade nas rotinas estabelecidas na Educação Infantil pode desenvolver uma comunicação que vai além da tradição oral e avançar em várias áreas de aprendizagem.

Enriquecendo as rodas de leitura com um leque diversificado da literatura infantil ofereceremos oportunidades para desenvolver o imaginário e uma visão da realidade da criança. Objetivando formar leitores autônomos e incentivar o prazer com a leitura. Assim, o ato de dramatizar e contar histórias com peculiaridades de cada um, seja do professor ou da criança na recontagem, não são apenas remetidos à forma lúdica de aprendizagem, mas integram a formação humana.

A formação humana, o desenvolvimento da aprendizagem, a construção de leitores autônomos é o que possibilita a Contação de Histórias, sendo justificativas mais que suficientes para que esta ferramenta seja usada na Educação Infantil de forma planejada e constante na prática educativa. E é o que propomos neste artigo. Esperrando assim contribuir para a aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O professor ao visar um alcance maior de seu planejamento e desenvolver de forma integral as crianças da Educação Infantil, deve dar especial atenção à contação de histórias, pois ela contribui na aprendizagem em todos os aspectos: cognitivo, físico, psicológico, moral ou social, proporcionando um maior desenvolvimento perceptivo da criança. Ele deve propor isso incluindo em seus planejamentos e rotinas esta prática, e pensando de forma didática as mediações nestas leituras, possibilitando às crianças diversas releituras das histórias contadas. Os objetivos com isso são muitos, pois ler histórias para criança é uma atividade lúdica, da qual entre os objetivos poderá levar ao prazer da leitura e formação de leitores autônomos.

Vimos neste artigo que a tradição oral faz parte da humanidade e de sua comunicação. Não há povo sem oralidade. Para a educação essa tradição vem acompanhada do processo de alfabetização, já que antes de escrever mamadeira, a criança aprender a falar e compreende que a palavra e o objeto são a mesma coisa, e que ao dizer a palavra obtem-se o que quer. Apesar de ter sido menosprezada e considerada de gente simples e sem formação, e desconsiderada pelas Instituições de Ensino por um longo período, percebemos o quanto isto não condiz com as possibilidades que a tradição oral traz para a aprendizagem e de como ela possibilita um leque de opções para ampliar o desenvolvimento cognitivo das crianças.

A linguagem oral é um instrumento fundamental para que as crianças possam ampliar suas possibilidades de inserção e participação no mundo em que vivem, sem ela a estariam apartados do social. Portanto deve estar nas rotinas das escolas e de professores comprometidos com a aprendizagem.

Vimos também que na Educação Infantil a Contação de Histórias até é colocada nas rotinas diárias, porém muitas vezes apenas como prática de entretenimento das crianças, sem que o professor pense em como isso pode contribuir no aprendizado, ou que planeje mediações para aproximar a Contação de Histórias do letramento ou mesmo da zona proximal de Vygostky, não pensando na teoria versus a prática. Com isso a tendência é que a criança caminhe para o fracasso escolar na alfabetização. Isso se deve porque a formação de leitores não foi bem feita na Educação Infantil com a oralidade da Contação de Histórias e o letramento.

E finalizamos percebemos que a Contação de Histórias é importante ferramenta para o desenvolvimento oral, no desenvolvimento da comunicação e posterior alfabetização das crianças, retificando assim nossa proposta com este artigo. Visto com isso a relevância da contação de histórias na Educação Infantil e deste estudo com os enfoques sobre contação de histórias e suas contribuições.

Neste artigo, finalizamos enfatizamos que a Contação de Histórias incentiva o desenvolvimento integral da criança e possibilita ao professor diversas possibilidades de planejamento de aprendizagem. Ouvir e contar histórias é uma atividade que, dentre outras, pode desenvolver o emocional da criança, ajudá-la a se organizar e socializar, além de auxiliá-la no processo de alfabetização.

REFERÊNCIAS

ABERASTURY, Arminda. Psicanálise da Criança:

teoria e técnica. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

ABÍLIO E. C., Mattos M. Letramento e leitura da literatura. Brasília: MEC, Secretaria de Educação à Distância; 2003. Leitura da literatura: as narrativas da tradição; p.16-23.

ABRAMOVICH, Fanny. Literatura Infantil: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1995.

. O Mito da Infância Feliz. São Paulo: SummusEditorial, 1983.

ABRAMOWICZ, A. O Direito das crianças à educação infantil. Pro-Posições, v.14, n.42, p.13-24, set./dez. 2003. (Dossiê: Educação infantil e gênero)

AGUIAR, Vera Teixeira de. Literatura Infantil. Presença Pedagógica, v.4, n.21, mai./jun., 1998.
AMARILHA, Marly. Estão mortas as fadas? Literatura infantil e prática pedagógica. 6. ed. Petrópolis: Vozes/EDUFRN, 2004.

ANDRADE, Carlos Drummond de. "Literatura infantil". Obra Completa. Rio de Janeiro, Aguilar Editora, 1967.

ANTUNES, Walda de Andrade. Lendo e formando leitores: orientações para o trabalho com a literatura infantil. São Paulo: Global, 2004.
ARAGÃO, R. O.; DOMINGOS, F.L.; ALMEIDA, N. F.; FREITAS, Marco A. A
experiência do agrupamento vertical numa creche. Em Aberto, v.18, n.73, p.136- 139, jul. 2001 (Número temático: Educação infantil: a creche, um bom começo.)

ARIÈS, Philippe. História social da criança e da família. Tradução: Dora Flaksman. 2. edição, Rio de Janeiro: LTC, 1981.

AUGUSTO, Silvana de Oliveira. A linguagem oral e as crianças:possibilidades de trabalho na educação infantil. Educação Infantil: diferentes formas de linguagem expressivas e comunicativas. Caderno de formação: didática dos conteúdos formação de professores. Universidade Estadual Paulista. Pró-Reitoria de Graduação. UNIVESP, São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, v. 1, p. 52-64.

AZEVEDO, Ricardo. Literatura infantil: origens, visões da infância e certos traços populares. 2005. Disponível em http://www.ricardoazevedo.com.br/Artigo07.htm. Acesso em 03 Julho de 2019.

BAMBERGER, Richard. Como incentivar o hábito de leitura. São Paulo: Abril, 1995.

BARBOSA, Ana R. C. S. Alfabetizando e desenvolvendo competências lingüísticas a partir do conto de estórias. Revista Faced, Salvador, n.14, p.27-37, jul./dez.2008.
BARRETO, A. M. R. F. A educação infantil no contexto das políticas públicas. Revista Brasileira de Educação, n.24, p.53-65, set./dez. 2003.

BATISTA, R. A Rotina no dia a dia da creche: entre o proposto e o vivido. s.l., 2001. Trabalho apresentado na 24º Reunião Anual da ANPEd.

BELATTO, Vanessa. Contação de Histórias. Santa Catarina, 2016. Disponível em: http://www.uniedu.sed.sc.gov.br/index.php/pos-graduacao/trabalhos--de-conclusao-de- bolsistas/trabalhos-de-conclusao--de-bolsistas-a-partir-de-2018/linguistica-letras-e-artes/especializacao-7/663-contacao-de-historias/file. Acesso em 11 de junho de 2019.

BENJAMIN, Walter. O narrador. Obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. 2. edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

BETTELHEIM, Bruno. A psicanálise dos contos de fadas. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Brasília: MEC/SEF, 1998, v.3.

BUSATTO, Cléo. Contar e encantar pequenos segredos da narrativa. Petropolis: Vozes, 2003.
. A arte de contar histórias no século XXI. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.

CADERMARTORI, Lígia. O que é Literatura Infantil. São Paulo: Brasiliense, 1998.

CAMPOS, M. M. A Formação de professores para crianças de 0 a 10 anos: modelos em debate. Educação & Sociedade, v.20, n.68, p.126-142, dez. 1999. (Número especial: Formação de profissionais da educação: políticas e tendências

CERISARA, A. B. Referencial curricular nacional para educação infantil no contexto das reformas. Educação & Sociedade, v.23, n.80, p.329-348, 2002.

CHAER, Mirella Ribeiro; GUIMARÃES, Edite da Glória Amorim. A importância da oralidade: educação infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental. Pergaminho, (3): p. 71- 88, nov. 2012.

CORREA, B. C. Considerações sobre qualidade na educação infantil. Cadernos de Pesquisa, n.119, p.85-112, jul. 2003. . Gestão democrática e participação familiar no âmbito da educação infantil. s.l., 2002. [Trabalho apresentado na 25ª Reunião Anual da ANPEd, 2002.]

COSTA; GUIMARÃES; ROSSETTI-FERREIRA. Conversar para aprender a conversar. In: ROSSETTI-FERREIRA, M. C. et al. (Org). Os fazeres na Educação Infantil. São Paulo: Cortez, 2003. P. 81-83.

COUTINHO, A. M. S. Educação infantil: espaço de educação e cuidado. s.l., 2002. [Trabalho apresentado na 25º Reunião Anual da ANPEd, 2002.]
FARIA, Maria Alice. Como usar a literatura infantil na sala de aula. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

CRAIDY, Carmen Maria; KAERCHER, Gládis E. Educação infantil:Pra que te quero? Porto Alegre. Artmed. 2001. Cap.12, p.135-151.

GADOTTI, Moacir. O que é ler? Leitura: teoria e prática. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

GASPAR, Antônio C. C., DAMASCENO, Daisy H. S. A transição entre a educação infantil e o ensino fundamental. Col. Educativa Especial – Educativa a revista do professor. São Paulo: Editora Minuano, Ano I, n.05.

KORCZAK, Janusz. Quando eu voltar a ser criança. São Paulo: Summus Editorial 1981.

LEMOS, Simone A. Nepomuceno. Linguagem e infância: a Literatura Infantil no processo de desenvolvimento da criança pequena. Revista Cientifica Aprender, Varginha, n.3, set/2009.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Educação e Ludicidade. Ensaios 01, Coletâna publicada pelo Gepel - Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação e Ludicidade, Faculdade de Educação - FACED, Universidade Federal da Bahia, 200 --- artigos: (1) “Educação ludicidade e prevenção de neuroses futuras: uma proosota pedagógica a partir da Biossíntese”, pág. 9-42; (2) “Desenvolvimento dos estados de consciência e ludicidade”, pág, 83-102; (3) “Ludopedagogia: partilhando uma experiência e uma proposta”, pág. 119-131.

. Ludicidade e atividades lúdicas: uma abordagtem a partir da experiência interna, Educação e Ludicidade. Ensaios 02; ludicidade o que é mesmo isso?, publicada pelo Gepel, Faced/Ufba, 2002, pág. 22 a 60.

. Estados de consciência e atividades lúdicas, em Educação e Ludicidade, Ensaios 03: ludicidade onde acontece?. Publicado pelo Gepel, FACED/ UFBA, 2004, pág. 11-20.

MACHADO, M. L. A. Desafios iminentes para projetos de formação de profissionais para educação infantil. Cadernos de Pesquisa, n.110, p.191-202, jul. 2000.

MACHADO, Ana Maria. Como e porque ler os clássicos universais desde cedo.
Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

MAINARDES, Rita de Cássia M. (2007/2008). A arte de contar histórias: Uma estratégia para a formação de leitores. Dia-a-dia Educação – Portal Educacional do Estado do Paraná. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/338-4.pdf . Acesso em 11 de Agosto de 2019.

MORENO, Leonel de Alencar. O lúdico e a contação de historias na educação infantil. Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas, Florianópolis, v.10, n.97 p.228-241, jul./dez.2009.

NEDER, Divina. L. de S. M., (org.). A importância da contação de historias como prática educativa no cotidiano escolar. Pedagogia em Ação, Belo Horizonte, v.01, n.01, p.61-64, jan./jun.2009.

NETO, Lucia Elena F, (org.). Fonoaudiologia, contação de histórias e educação: um novo campo de